

Fotografia de Guerra: análise das produções em três períodos¹

Andriele de Oliveira MÜLLER²

Bárbara Garay COSTA³

Bruna Aparecida Dal Piaz DANELLI⁴

Ethiene Kepler NEVES⁵

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Resumo: É através da fotografia que os fotógrafos escolhidos, mostram os resultados das guerras de três diferentes períodos. A análise de fotografias expressam o olhar do fotógrafo na Segunda Guerra Mundial, Guerra do Vietnã e guerra do Iraque, em que apenas um clique mostram fatos que mostram o real. Muitas das imagens publicadas, não só por esses profissionais que citamos ao decorrer do artigo, mas por todos que trabalham com a fotografia é a questão ética, de registrar ou não o sofrimento e a tristeza das pessoas que vivenciaram a Guerra em seu País.

Palavras-Chave: Fotojornalismo; Guerras; Ética, Realismo.

Introdução

Desde o surgimento da fotografia, no século XIX, os registros fotográficos que anteriormente eram registrados pela pintura, eram agora representados por um equipamento muito mais ágil e capaz de representar a realidade como ela era, e pensavam ainda, que no registro não havia nenhum tipo de subjetividade por parte de quem operava a câmera. Diferente do que acontecia na pintura. A partir dessa perspectiva, a fotografia iria cumprir o papel de documentar os fatos e tornar-se a imitação da realidade.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

²Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIJUI -RS, email: andri_muller@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIJUI -RS, email b.garaycosta@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIJUI -RS, email b.danelli@hotmail.com

⁵Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIJUI -RS, email ethienekepler@gmail.com

⁶Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIJUI - RS email: felipe.dorneles@unijui.edu.br

A fotografia, no século XX, além de ser entendida como caráter documental, foi se modificando e hoje assume outros papéis. A ética do fotógrafo, a subjetividade, o equipamento, são pontos levados em conta na análise de registros fotográficos. Principalmente, quando o assunto é fotografia de guerra.

O presente estudo sobre “fotografia de guerra” pretende analisar as produções fotográficas em conflitos, diante do forte apelo dramático e do comprometimento ético muitas vezes questionável dos registros. Para isto, torna-se necessária uma análise aprofundada da necessidade e relevância de se expor tal realidade.

A pesquisa sobre a temática da guerra instigou a busca de conhecimento sobre a prática fotográfica nessas circunstâncias. Como é trabalhar com a ética dentro de um tema que gera muitos tristes acontecimentos, principalmente a morte. Não é fácil registrar o sofrimento, ou até o falecimento de uma pessoa. O fotógrafo tem que decidir se registra ou não um momento trágico, que pode mostrar a realidade do fato, mas que de outra perspectiva pode trazer tristeza não somente a família. A proposta do grupo é analisar questão da ética e outras que também estão ligadas a isso e despertam a curiosidade de como outros fotógrafos viveram a realidade daquela época, documentando a história através da fotografia, partindo do princípio do realismo na fotografia.

Metodologia

O artigo tem por objetivo investigar os distintos direcionamentos dos fotógrafos na cobertura fotográfica e três guerras: Segunda Guerra Mundial, Guerra do Vietnã e Guerra do Iraque. Para tanto, pretende analisar como o fato foi registrado jornalisticamente, relatar principais diferenças no registro fotográfico e o posicionamento ético dos fotógrafos.

Realismo na fotografia

Anterior ao século XX competia a pintura representar a realidade. Com o surgimento da fotografia, a pintura iria abrir espaço para o imaginário, para o subjetivo. E assim dessa forma restaria à foto demonstrar o real. Pois como pensavam naquela época, o fotógrafo não teria como utilizar da subjetividade nas fotos. A partir desse ponto afirmavam que a fotografia não era uma arte. É nessa mesma época que surgem movimentos artísticos na Europa que não estavam preocupados em representar a realidade da forma que era feita.

Queriam buscar outras formas de arte como, o abstrato e através do psicológico. Assim, ficou estabelecido que a arte representaria o irreal. E a fotografia iria representar a realidade, dando uma ideia de espelho do real, onde o fotógrafo não iria interferir nos registros.

Segundo Daniel de Souza outras discussões surgiram a partir da fotografia.

O que se coloca em reflexão não é a discussão sobre a verdade fotográfica, mas a certeza de que tal objeto existiu diante da câmara. A fotografia convida-nos a perceber o que está perante uma imagem, essa que não apenas construída pela imaginação, mas que resulta da pela fusão de diversos elementos simbólicos. (SOUZA,2014, p4)

Dessa maneira a fotografia foi pensada como o discurso da mimese, ou seja, a fotografia como espelho do real. Marinho, afirma que, de acordo com os discursos realizados no século XIX, a foto é a imitação perfeita da realidade e, “é decorrente da natureza técnica, puramente mecânica que produz um resultado “instantâneo” procedente apenas das leis da óptica e da química, sem a menor interferência da mão do artista e do seu imaginário” (MARINHO, 2009, p.1).

As Guerras

A análise das fotografias nas diferentes guerras e de seus respectivos fotógrafos pretende mostrar o envolvimento e o registro das produções que documentaram a história.

Segunda Guerra Mundial

Em 1 de setembro de 1939, a invasão da Polônia pela Alemanha desencadeou no maior e mais sangrento conflito de toda a história da humanidade. A Segunda Guerra Mundial foi um confronto bélico ocorrido na primeira metade do século XX e envolveu mais de 70 nações, opondo os Aliados às Potências do Eixo. Com as subseqüentes declarações de guerra da França e Grã-Bretanha, a guerra estendeu-se até 2 de setembro de 1945.

A guerra mobilizou mais de 100 milhões de militares e acarretou a morte de, aproximadamente, 70 milhões de pessoas. Este número representa cerca de 2% da população mundial da época, a maioria sendo civis. As principais nações envolvidas na luta pelo eixo foram Itália, Japão e Alemanha. Na luta por aliados destacaram-se França, Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética.

A posição brasileira perante o conflito foi de neutralidade. Depois de alguns ataques a navios brasileiros, Getúlio Vargas decidiu entrar em acordo com o presidente americano Roosevelt para a participação do país na Guerra. O Brasil participou mandando 25 mil soldados da FEB (Força Expedicionária Brasileira) para lutar na Itália, ajudando a conquistar uma importante vitória para os Aliados. O país ajudou também no envio de mantimentos.

A Segunda Guerra Mundial foi devastadora e a política antissemita da Alemanha alertou para a necessidade de criação de um Estado para os judeus, culminando na criação de Israel. A guerra encerrou com a rendição das nações do Eixo, seguindo-se da ONU (Organização das Nações Unidas), o início da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética e a aceleração do processo de descolonização da Ásia e da África.

Guerra do Vietnã

A Guerra do Vietnã foi um conflito armado decorrente da Guerra Fria, período em que União Soviética e Estados Unidos disputaram o poder político e econômico mundial. A Guerra Fria não teve em seu período de duração, conflitos diretos, daí originou-se seu nome. Entretanto, a corrida armamentista que se desenvolveu durante a Guerra, originou inúmeros conflitos entre países que estavam sob seus domínios, que financiavam guerrilhas a fim de afirmar o poder bélico.

A Guerra do Vietnã foi o mais sangrento conflito decorrente da Guerra Fria. Ocorreu entre os anos de 1959 e 1975. Durante a Guerra da Indochina, que durou de 1946 a 1954 o Vietnã, antes colônia francesa, foi dividido em dois países: Vietnã do Norte, politicamente comunista e a favor da União Soviética e Vietnã do Sul, comandado por uma ditadura militar, politicamente capitalista e aliado dos Estados Unidos.

A divisão entre os dois países deveria ser desfeita em 1965, quando ocorreriam as eleições para unificação, mas em 1955, Ngo Diem, liderou um golpe militar, proclamou a independência do Vietnã do Sul e tornou-se um ditador. Seu governo foi marcado pela perseguição a comunistas, nacionalistas e budistas e também pela corrupção. O conflito entre os dois Vietnãs iniciou quando os Estados Unidos perceberam que as chances de Ho Chin Minh, líder comunista do Vietnã do Norte, ganhar as eleições eram grandes e isso ameaçava o poder capitalista.

Até 1964 os Estados Unidos colaboraram com o Vietnã do Sul enviando armamentos, dinheiro e conselheiros militares. Esse investimento na guerra fez com que, no

Vietnã do Norte surgissem os movimentos de oposição: a Frente Nacional de Libertação e o Exército Vietcong. Durante os primeiros anos, a guerra restringiu-se ao conflito direto entre Vietnã do Norte e do Sul, contando apenas com o apoio indireto dos EUA e da URSS. Em 1965, o exército vietcongue bombardeou embarcações americanas no Golfo de Tonquin, esse fato marcou a entrada dos EUA na guerra.

Os soldados americanos enviados sofreram no território do Vietnã do Norte com florestas tropicais fechadas e grande quantidade de chuvas. A luta foi travada com Vietcongues utilizando táticas de guerrilha e americanos investindo em armamentos modernos, helicópteros e outros recursos. O conhecimento do território e de táticas desconhecidas pelos americanos fez com que o Exército Vietcongue se sobressaísse nos conflitos diretos. Em 1968 os Vietcongues invadiram a embaixada Americana em Saigon, no Vietnã do Sul.

Em 1972 os americanos, sob o governo do presidente Nixon, bombardearam com armas químicas as regiões de Laos e Camboja. Mesmo diante deste ataque os guerrilheiros do norte continuaram lutando. Foi o período mais sangrento da guerra. Em 1973 os Estados Unidos se retiraram do conflito. A Guerra durou ainda até 1975, quando o Vietnã foi unificado, passando a se chamar República Socialista do Vietnã.

A Guerra do Vietnã foi, depois das duas Grandes Guerras, o mais violento conflito do século XX. Foi também o mais divulgado nos meios de comunicação, que cobriram amplamente todo o período da guerra.

A Guerra do Iraque

A guerra teve início no dia 20 de Março de 2003 e seu fim em 15 de dezembro de 2011. Foi conhecida como Ocupação do Iraque, Segunda Guerra do Golfo ou até mesmo Operação Liberdade Iraque. O conflito teve início por uma coalizão militar multinacional que era liderada pelos Estados Unidos.

A suspeita era de que o Iraque estava fabricando armas de destruição, o que ameaçava a segurança mundial. Na época o presidente dos Estados Unidos, George Bush, defendia a ideia de que o país não poderia esperar pelo pior. Havia também a especulação de que Salddam Hussein teria ligação com a Al-Qaeda.

Apesar de todas as dúvidas e questionamentos, nunca foi encontrado qualquer vestígio sobre a fabricação de armas ou a possível ligação coma Al- Qaeda. Após oito anos

de guerra, foi realizado um ato formal onde foi declarado o final da guerra. Um novo governo assumiu, porém os conflitos continuaram, com a instabilidade política e econômica. A estimativa é de que até 500 000 pessoas perderam a vida no conflito entre os dois países.

Análise

Fotos de guerra ou outros conflitos geram polêmica sempre que publicadas. A cruel realidade deste tipo de situação, quando retratada com o realismo da fotografia, choca o receptor que, mesmo acostumado com o terror dos noticiários televisivos, ainda não está acostumado a ver ‘escancarado’ o terror que uma guerra gera em que a vive.

Partindo deste princípio, torna-se necessária a análise das produções fotográficas neste tipo de ambiente. Tendo como base três guerras amplamente divulgadas pela mídia e estudadas até hoje (II Guerra Mundial, Guerra do Vietnã e Guerra do Iraque), buscamos imagens que retratassem esses períodos mostrando hora abertamente, hora discretamente, como no caso das fotos da II Guerra Mundial, o caos e o terror impostos à população que presencia momentos de conflito.

As imagens escolhidas para análise neste artigo revelam questões discutidas até hoje entre estudiosos e pesquisadores. Seja por retratarem o domínio político e ideológico que se pode ter sobre um povo durante um período de guerra, seja por mostrarem abertamente o sofrimento da população envolvida nesses conflitos, ou ainda por escancararem a realidade sanguinária a que se vê submetido o povo que, não tendo escolha, acaba por participar ativamente das lutas armadas.

Segunda Guerra Mundial





As fotos foram feitas por um fotógrafo da Revista Life entre 1939 e 1940, em Berlim, e desapareceram por mais de 50 anos. O fotógrafo americano desapareceu logo no início do conflito, juntamente com sua máquina fotográfica marca Rolleiflex. O motivo do desaparecimento é desconhecido, porém a censura é o principal indício.

Os dispositivos originais (utilizados na época para reprodução em revistas) eram a maioria em 6x9 polegadas. Os cromos foram achados por uma enfermeira alemã em um hospital em Berlim e os guardou durante todos esses anos. Após a sua morte, sua filha os achou e devolveu ao atual editor americano que possui os direitos da marca Life Magazine. A revista não é mais publicada desde o início dos anos 1970.

Os registros são raros e retratam o 3º Reich – termo usado pela propaganda do regime nazista da Alemanha, que tinha por objetivo demonstrar a grandeza do projeto de Hitler para transformar seu país em uma incontestável potência mundial. O Reich projetado para durar mil anos (de acordo com a propaganda) acabou por durar 13 anos, e ao invés de trazer a glória prometida a um povo já castigado pela Primeira Guerra Mundial, trouxe mais destruição e morte do que o conflito anterior.

Até hoje o atual estado alemão é confrontado com os fantasmas desta trágica experiência, e a civilização que deu tantas e grandes contribuições à humanidade pelas mãos de Leibniz, Goethe, Bach, Thomas Mann, Nietzsche, Hegel, Kant e tantos outros, deve aprender a conviver com esta "mancha" em sua história.

O mais importante a destacar nos registros selecionados é que as fotografias se aproximam do espelho do real, porque não há nenhum elemento a ser descoberto. Mesmo com o recorte temporal, é a representação do ato em si. Entretanto outra análise pode demonstrar justamente o oposto e representar um aumento de manipulação do real, onde deixa transparecer seu caráter ideológico.

Guerra do Vietnã

Nick Ut



Foto: Nick Ut

A mais famosa fotografia da Guerra do Vietnã, feita pelo fotógrafo vietnamita Nick Ut, foi clicada em 1972, durante um ataque no vilarejo de Trang Bang, no Vietnã do Sul. A menina Phan Thị Kim Phúc, então com 9 anos de idade, fugia correndo nua de um ataque de napalm realizado pelas tropas americanas.

No ano seguinte, Nick Ut ganhou o Pulitzer Prize de fotografia, pela autoria da obra. A foto marcou os registros de um dos mais sangrentos conflitos do século XX e tornou-se um ícone anti guerra.

Um das questões mais abordadas no que diz respeito à fotografia de guerra é a que se refere à atuação do fotógrafo no momento da foto. É necessário registrar um momento tão forte? Fotografar ou ajudar? O horror da guerra não deveria ser apagado? Essas e outras questões já foram respondidas por inúmeros fotógrafos de guerra.

Em uma das inúmeras entrevistas que concedeu, perguntado se tinha ajudado a menina após fazer a foto, Nick Ut respondeu: “Eu chorei quando a vi correndo. Se eu não a ajudasse e alguma coisa acontecesse que a levasse a morte, acho que eu me mataria depois”. Nick Ut jogou água em seu corpo e a levou para um hospital especializado em ferimentos graves. Só deixou a menina depois que os médicos garantiram que tomariam conta dela.

A realidade agressiva da imagem e o horror da guerra estampado tanto na personagem principal da foto quanto nas outras crianças e no cenário que as envolve, é resultado de um olhar que cresceu em meio a conflitos. Nick Ut perdeu seu irmão, também fotógrafo de guerra, enquanto fotografava um conflito no Delta do Mekong.

Desde que surgiu, a fotografia tem como objetivo retratar a realidade. No caso das fotografias de guerra e mais especificamente na foto analisada a realidade a ser retratada é justamente a do horror da guerra. Não é difícil identificar nesta imagem o momento que ela

representa, a partir do instante em que observamos os soldados em segundo plano e a fumaça ao fundo. O desespero da menina provoca um choque ao primeiro olhar do observador, mas é esse mesmo desespero que denuncia o horror da guerra.

A ética é um comportamento que envolve valores morais e princípios ideais. Partindo desta consideração faz-se o questionamento sobre a presença ou não de comportamento ético no momento de um registro como este. Talvez largar a câmera e intervir diretamente no sofrimento das crianças, amparando-as fosse a melhor decisão do fotógrafo, mas deixar de registrar a cena seria deixar de denunciar o horror de uma guerra que já vinha destruindo um país há anos. A denúncia é mais eficaz que a ajuda? Em determinados momentos sim. Basta analisar o histórico da garota fotografada, que hoje trabalha com fundações que ajudam crianças vítimas de guerra. Se largasse a câmera, Nick Ut teria ajudado talvez apenas aquelas crianças. Com a foto, ajudou a impulsionar movimentos contrários a guerra e a reduzir o apoio popular que o governo americano dava ao conflito até então.

Perfil biográfico e ideológico de Nick Ut.

Huynh Cong Ut, profissionalmente como Nick Ut, nasceu em 29 de março de 1951 no sul do Mekong Delta, uma das oito regiões do Vietnã.

Nick Ut conheceu a fotografia através de seu irmão, o fotógrafo Huynhy Thanh My. Ele foi morto enquanto fotografava um combate no Delta Mekong em 10 de Outubro de 1965. Sua vaga na agência Associated Press (AP) ficou para Nick Ut, então com 16 anos. Foi na AP que ele iniciou seu contato profissional com a fotografia. O trabalho na revelação de fotografias de outros fotógrafos ampliou o seu olhar sobre a arte.

Nick Ut cresceu em meio aos conflitos vietnamitas, o que influenciou no direcionamento do seu olhar. Sua foto mais famosa é o Pulitzer Prize da jovem menina Phan Thị Kim Phúc, durante o ataque das tropas americanas ao vilarejo em que vivia em 1973. Suas fotos revelaram o horror da guerra sob a ótica de um cidadão vietnamita, o que confere valor diferenciado aos seus registros. A Pulitzer Prize de Kim Phúc foi tida na época e ainda é considerado um símbolo anti-guerra.

Horst Faas



Foto: Horst Faas

Horst Faas registrou, em março de 1964, o momento em que um pai vietnamita carrega nos braços o corpo queimado da filha. Ele para em frente aos soldados com o corpo nos braços e o fotógrafo registra o momento exato. A fotografia faz parte de uma série de fotos que integra a reportagem ganhadora do Pulitzer Prize de 1965.

Ao primeiro olhar, dá-se a impressão de que o pai mostra o corpo da filha aos soldados como a dizer “veja o que vocês fizeram”. Diante desta imagem, volta-se a discussão que traz a fotografia de guerra como arma de denúncia.

Diferente das fotografias de guerra que chocam pela violência e crueldade do momento, esta foto de Faas, registra o horror da guerra de forma mais branda. Coloca dois personagens frente a frente e abre de forma mais ampla a linha de interpretação do observador.

De um lado, um civil que sofre na pele o horror de perder a filha para a guerra. Do outro, os soldados que a fazem. O comportamento do fotógrafo neste momento, não pode ser questionado quanto à ação de ajudar ou não, afinal, o fato já foi consumado e o seu registro é mais um pós acontecimento.

O envolvimento de Horst Faas com zonas de conflito deu-se desde o início de sua carreira. E a presença em campos de batalha torna o olhar do fotógrafo mais aguçado e pronto para registrar os momentos exatos que servem para expressar em imagem o terror da guerra:

“Para obter a melhor imagem de um prisioneiro capturado, você tem que clicá-lo no exato momento em que ele é capturado, ou sua expressão será perdida para sempre. O mecanismo humano é de extremamente rápida recuperação. Meia hora depois, as expressões se foram, os rostos

mudaram. A mãe com um bebê morto nos braços nunca mais parecerá tão desesperada, não importa o que ela sinta”.

A frase de Faas coloca em destaque o retrato do desespero. No trecho em que cita o desespero de uma mãe com o bebê morto nos braços, dá ênfase para a necessidade de registrar o exato momento do mais alto desespero. Por quê? Porque é o desespero da mãe que perdeu o bebê que vai registrar de forma real a vida em um ambiente de guerra.

Telejornais, textos, ou outras coberturas podem narrar até mesmo com detalhes o que acontece durante a guerra, mas nenhum outro meio é capaz de mostrar a realidade crua da guerra como a fotografia.

Perfil biográfico e ideológico de Horst Faas

Nascido em Berlim, Alemanha, Faas começou sua carreira fotográfica em 1951 com a Agência Keystone. Com 21 anos de idade cobriu os conflitos da Guerra da Indochina. Em 1956 entrou para a Associated Press, onde era conhecido pelo seu perfil rígido e inflexível. De 1963 a 1974 coordenou os fotógrafos da AP em Saigon e foi responsável pela publicação da Pulitzer Prize de Nick Ut e pela também mundialmente conhecida Execução em Saigon, de Eddie Adams. Durante sua atuação em Saigon não apenas registrava a violência e o cotidiano dos soldados como recrutava e treinava jovens e talentosos forasteiros vietnamitas como fotógrafos freelancers, criando o que se tornou conhecido como “Horst’s Army” (Exército de Horst).

Guerra do Iraque

João Silva



Foto: João Silva

A foto mostra um garoto indefeso, que talvez se pergunte o que esta acontecendo em sua volta. O olhar triste e ao mesmo tempo confuso procura por algo, ou por alguém. O carro supostamente sujo de sangue mostra a guerra que acontece no mundo dos adultos, e que talvez ele seja uma das vítimas da brutal guerra do seu País.

O fotografo conhece de perto a realidade negra da Guerra do Afeganistão, pois carrega a marca em seu corpo, quando teve a infelicidade de pisar em uma mina e perder suas duas pernas.

Perfil Biográfico e ideológico João Paulo da Costa da Silva

Conhecido pelas suas fotos de guerra e a cobertura do fim do apartheid na África do Sul. João é uma fotografo Sul – Africano, nascido em 9 de Agosto de 1966.

Em 2010, o fotografo foi atingido por uma mina antipessoal no Afeganistão, que mesmo gravemente ferido, continuou a fotografar. Devido a esse trágico assidente, João Silva teve que amputar suas duas pernas.

No ano de 2011, depois da sua adaptação motora com as proteses retomou seus trabalhos como fotojornalista.

Evelyn Hockstein/Reuters



Foto: Evelyn Reuters

Um Jovem palestino sendo abordado por policiais israelenses, em Jerusalém, no dia 6 de Abril de 2001. A foto demonstra claramente o sentimento de medo e pavor estampando no rosto do menino. Suas calças estão molhadas e seu rosto coberto por uma blusa. Seis soldados o abordaram, só não sabemos se foi por opressão abuso de autoridade.

A fotógrafa fez o registro, mas será que ele ajudou o menino? Qual seria o motivo dos soldados ao “prender” um menino indefeso? Uma pergunta que não será respondida, que é apenas vamos trabalhar com meras suposições.

O registro da imagem demonstra a brutalidade dos soldados com um garoto que talvez nem saiba o que está acontecendo, e porque está sendo abordado por esses homens. A imagem transmite sentimento, o sentimento de pavor, inferioridade e medo. O medo estampado no rosto do garoto. A rapidez e o olhar da fotógrafa transmitiu o real.

Perfil Biográfico e ideológico Evelyn Hockstein/Reuters

Conhecido pelo olhar em fotografar mulheres, crianças afetadas pela Guerra, pobreza, devastação ambiental e agitação política, trabalhou em mais de 70 países.

Evelyn ganhou duas imagens dos prêmios Ano Internacional, o prêmio Dias Japão Internacional de Fotografia, e foi indicado para o Prêmio Pulitzer.

Conclusão

O estudo foi realizado a partir da análise das produções fotográficas realizadas em três períodos de guerras, onde o grupo buscou pesquisar como é a relação do realismo e a ética nas imagens. Por meio das fotografias, tiradas no momento dos conflitos, procurou-se também analisar como os fotógrafos se posicionaram diante da situação. O olhar discriminatório, o clicar de botão no momento certo revelam a realidade e demonstram o sofrimento de alguém. A grande questão levantada e quase sem resposta é: Como o fotógrafo deve-se posicionar e registrar ou não?

Trabalhar com fotografia de guerra significa ter um bom discernimento e saber o momento e a escolha certa. A fotografia traz subjetividade sentimento e ao mesmo tempo mostra a realidade que nos cerca. Foto é documento. Os fotógrafos que registraram as fotos das três guerras souberam documentar a história utilizando-se de elementos para que o receptor entendesse a mensagem. Com certeza algumas utilizam de um apelo maior, que naquele momento precisaram ser fotografadas para atitudes serem tomadas.

O estudo produzido sobre a fotografia de guerra colocou em dúvida as questões estabelecidas no surgimento da fotografia, que tratavam-na como única e exclusivamente um espelho do real, competindo apenas a pintura a capacidade de interpretar a realidade e retrata-la de acordo com a visão do artista.

A partir das fotos e dos perfis biográficos analisados, pode-se perceber que, ainda que retrate a realidade existente, o resultado final de uma fotografia depende do olhar do fotógrafo. E quando citamos o olhar, nos referimos a ampla forma de interpretação da cena que cabe ao fotógrafo. Sua sensibilidade, suas crenças e seus objetivos interferem também no resultado final. Estas questões colocam a foto em um patamar tão próximo da arte quanto a pintura e, por ser uma ferramenta que, tecnicamente registra o momento como é, torna-se instrumento mais eficaz tanto na representação quanto na interpretação da realidade.

Trabalhar a fotografia nesse contexto em que envolve conflitos não há como deixar de lado a subjetividade de cada fotógrafo. O registro fotográfico nunca deixou de ser subjetivo, ou arte, ao contrário, sempre existiu. Foto é documento, é mimese é espelho do real, mas também é arte. Mesmo mostrando o conteúdo que traz sofrimento traz reflexão e um dos papéis da arte é isto.

Referências:

COSTA, Moisés Meira. BENITES, Miguel Gimenez. **Realismo na fotografia** : um ensaio sobre o estudo da linguagem fotográfica para o ensino de geografia. Geografia em Atos, n. 9, v.2. UNESP, Presidente Prudente, 2009. Disponível em <http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/viewFile/283/costan9v2>.

Acesso em 27 de março de 2014.

MARINHO, Laryssa Vilaronga. OLSCHOWSKY, Joliane. **Da mimese à ficção fotográfica**. Santa Cruz Sul, 2009. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2315-1.pdf>. Acesso em 28 de março de 2014.

SOUZA, Daniel Rodrigo Meirinho. **A fotografia enquanto representação do real**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-daniel-a-fotografia-enquanto-representacao-do-real.pdf> . Acesso em 08 de abril de 2014.

O Terceiro Reich: Visão Geral. Disponível em: <http://www.usmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005141>. Acesso em: 28 de março de 2014.

III Reich (Império Alemão). In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. [Consult. 2012-07-09]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$iii-reich-imperio-alemao](http://www.infopedia.pt/$iii-reich-imperio-alemao)>. Acesso em 28 de março de 2014.